

As escriturências de jovens escritoras oriundas do Ensino Médio: um olhar sobre as práticas de letramento em um contexto de escola pública

Escriturências - the writing and experiences of young female writers on high school: a look at literacy practices in a public school context

Franciane Barbosa da Silva, é estudante do curso de Licenciatura em Letras da UPE e integrante do Programa Lugar de Criação.

Contato: franciane.barbosa@upe.br

Nazarete Andrade Mariano, é professora da Rede Estadual de Bahia e do colegiado de Letras da Universidade Estadual de Pernambuco (UPE), Coordenadora do Programa de Extensão Lugar de Criação, mestre e doutoranda em Crítica Cultural (UNEB – Campus II). É autora dos livros *Professoras Inventoras*, das práticas de invenção docente à pesquisa-forma-ção (Editora Edilive) e *Paisagens de si* (Editora Oxente).

Contato: nazarete.mariano@upe.br

Resumo

Este referido artigo tem por finalidade compreender as práticas de letramento co-mo marcas identitárias nas produções de jovens estudantes do Ensino Médio da escola pública estadual. Para tanto, há uma necessária contribuição teórica de pensadores que discutem práticas sociais de letramento Brian Street (1970); O papel da escola no reflexo dessas práticas, Theodoro da Silva (1992); e Stuart Hall (1973) que contribuem com as discussões sobre marcas identitárias; e Conceição Evaristo (2016) com a noção de “escriturências”. O percurso metodológico para se chegar aos resultados é de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfico, tendo como objeto de estudo uma produção desenvolvida por estudantes do Ensino médio de escola pública cujo título é: *Conversa*



Afiada: um lugar de criação estudantil. Os resultados obtidos levam a uma reflexão de ampliar investigação de produções que potencializam as produções de estudantes que escrevem com engajamento.

Palavras-chave: Práticas de letramento. Marcas identitárias. Jovens escritoras. Ensino Médio. Es-cola Pública.

Abstract

This article aims to understand the employment of some literacy practices in Brazilian public high schools as a medium for cultural identity's expression and development on young female students. For that, the theoretical contributions of some thinkers were considered, which discuss: social literacy practices, Brian Street (1970); The role of the school in the reflection of these practices, Theodoro da Silva (1992); Stuart Hall (1973) who contributes to the discussions about cultural identity; and Conceição Evaristo (2016) who offers the notion of "escrevivência". As a methodological path to obtain the results, a qualitative research of bibliographic type was conducted, having as object of study a production carried out by students from a Public high school, whose title is: Sharp Talk: a place for student creation. The results obtained lead us to consider the need of an ample investigation on this kind of productions which enhance the experience of those students who write with engagement.

Keywords: : Literacy practices. Cultural Identity. Young Writers. High school. Public school.

Introdução

Com o passar dos tempos, jovens estudantes do ensino público vêm se desenvolvendo, mostrando sua capacidade de escrita. Mesmo com essas mudanças e melhorias consideráveis, a imagem negativa do ensino público continua; muitos ainda não acreditam que estudantes de escolas públicas podem desenvolver uma escrita digna de reconhecimento.

A escrita pode acontecer a partir da experiência que o ser humano adquire em seu espaço social e cultural. A escola tem um papel muito importante para o desenvolvimento dessa linguagem verbal entre os alunos. Muitos jovens do ensino público vêm



aprimorando seu hábito pela produção de textos, construindo textos como artigos, poesias, contos, entre outros.

O letramento vai além de alfabetizar: ele vai se inserir nas práticas sociais que o aluno desenvolveu antes mesmo de chegar à escola. A elaboração textual pode acontecer de acordo com as identidades sociais, o que você aprendeu na sociedade e as vivências. Os jovens carregam conhecimentos que vêm de experiência do seu meio social, em casa, igreja, na comunidade, e é partindo desses conhecimentos que eles vão começar a aprimorar suas escritas.

Os textos escritos por cada aluno trazem uma identidade, sentimentos, valores que carrega consigo. As produções textuais que vamos destacar nos remetem a temas atuais como: marcas identitárias de mulheres, mulheres negras, etnias, entre outros. De forma geral, será necessário compreender as práticas de letramento como marcas identitárias nas produções de jovens estudantes do Ensino Médio da escola pública estadual. Para esse efeito, irei considerar os pressupostos de letramento, identitário e “escrevivência” presentes na produção do livro *Conversa Afiada*: um lugar de criação estudantil.

Para tanto, os objetivos específicos são: investigar o processo de construção de escrita autoral de jovens estudantes do Ensino Médio; observar as marcas de identidade, presentes no livro *Conversa Afiada* e as “escrevivências” autorais de estudantes do Ensino Médio; analisar os dados levantados, levando em consideração as concepções de letramento presentes nas produções estudantis.

O trabalho apresentado teve a contribuição de teóricos como: Theodoro da Silva (1992) com *Os (des) caminhos da escola*; o teórico cultural, Hall (1973), que traz *Identidades e Mediações Culturais*; Brian V. Street (1970) com *Os novos estudos sobre o letramento*; a “escrevivência” de Conceição Evaristo (2016) e, por último, o pesquisador e professor, João Wanderley Geraldi (2015) com *A aula como acontecimento*.

Isso justifica a escolha por essa temática, bem como a natureza da pesquisa, uma vez que estamos vivenciando um período atípico provocado pela pandemia de Covid-19, quando não foi possível a realização da pesquisa aplicada e a coleta de dados com os estudantes da escola do Ensino Médio. Estamos diante de um novo desafio, passando por um processo de isolamento social,



em que muitas escolas estavam sem aulas presenciais e, assim, foi necessário mudar o método da investigação.

O artigo apresenta, na primeira seção, os pensamentos dos teóricos e suas contribuições para o desenvolvimento do trabalho. Na segunda seção mostra-se a “escrevivência” em um contexto escolar público. A terceira seção faz uma paisagem sobre o objeto de estudo. Na quarta seção, analisam-se as escritas dos estudantes, levando em consideração suas marcas identitárias e seu convívio com meio social. A quinta seção traz as considerações e mostra os resultados finais e a relevância deste estudo.

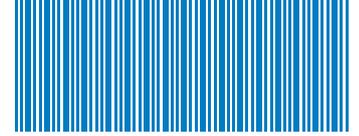
1. Pressupostos teóricos e metodológicos

Pensar a produção escrita, especialmente de jovens escritores, implica pensar a perspectiva sociocultural. Inclusive, faz-se necessário pensar em propostas transgressoras, nomeadamente; transgredindo práticas de ensino estanques para um ensino que envolva a língua ou linguagem de forma dialógica e interacional. Isso faz com que os educandos tenham cada vez mais interesse pelas práticas de letramento, particularmente, quando essas são determinadas pelas práticas sociais.

Muitos estudantes carregam consigo marcas de conhecimento, valores culturais e identitários que foram adquiridos com a sua vivência no meio social. Marcas essas que são construídas ao longo do tempo e, muitas vezes, ultrapassam os limites dos contextos sociais de suas experiências e se apresentam de outras formas, especialmente em produções de textos como poesias, contos, artigos, entre outros.

Street (1970, p. 49) explica que “esses alunos estão engajados em uma sociedade, em uma cultura em que a escrita pode ocupar grande espaço”. Concomitantemente com esse pensamento temos Hall (1973, p. 81), que apresenta um sujeito com essas marcas identitárias em construção, um sujeito pós-moderno. Hall traz três tipos de sujeito, cada um com suas particularidades e distinções.

O primeiro deles é o sujeito iluminista, o sujeito que permanece com sua identidade inalterada, uma pessoa totalmente centrada no seu núcleo interior. Um sujeito dotado da razão. Nesse tipo, trata-se de uma visão daquele que se apresenta como superior aos outros, um sujeito iluminado entre tantos outros que não tinham essas características. O segundo é um sujeito sociológico,



com uma identidade formada a partir de uma interação do indivíduo com a sociedade. Apenas ele e a estrutura da sociedade eram suficientes, também não considerando os que estavam às margens. Por fim, Stuart Hall nos apresenta um sujeito pós-moderno, um sujeito em construção e sem uma identidade fixa. Um sujeito em um eterno movimentar, podendo ter várias identidades e estas contraditórias.

Nesse sentido, Stuart Hall afirma que

Todos nós nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais. Todos nós nos originamos e falamos a partir de “algum lugar”; somos localizados e neste sentido até os mais “modernos” (HALL 1973, p. 93).

Essa afirmação nos remete para o linguista Ferdinand de Saussure (CLG, 1916) apud Benveniste (1976, 48), para quem “o homem não nasce dentro da natureza, mas dentro da cultura”. Esse posicionamento dialoga com Hall, pois, além de o sujeito pós-moderno não ter uma identidade posta e reificada, esse sujeito já está inserido em uma cultura desde o nascer. E é a partir dela, em contato com a língua e as diversas linguagens, que os mais variados pensamentos e identidades também se vão manifestando.

Assim, não há como negar a necessidade de uma cultura ou um lugar para que as marcas de identidades sejam construídas em movimentos de ir e vir. Por mais que ela possa ser modificada, sempre estará nesse processo no entorno da cultura; por conseguinte, das diversas linguagens, lembrando que falar de cultura é também incluir conhecimentos éticos, crenças, arte, valores, especialmente valores bioéticos tão necessários para a formação dos sujeitos em seus processos e marcas identitários.

Tal recorte é importante uma vez que o sujeito moderno consegue manter a interação entre a cultura e a modernidade e, desenvolvendo seus pensamentos com base nessa interação, contribui para entender o recorte que este estudo propõe no que tange às marcas de identidades presentes nas produções escritas de jovens estudantes oriundos do Ensino Médio público.

A noção de sujeito pós-moderno ou contemporâneo dialoga com as formas como os adolescentes enxergam o mundo, diálogo esse que tem condições de contribuir para o desenvolvimento de suas respectivas produções, pois o sujeito aprendiz tem possibilidade de criar a partir de seu lugar, inclusive, criar o próprio lugar de “fala”, considerando também um estilo próprio com suas marcas partir



de suas vivências. Tais vivências podem ser encontradas em suas escritas com uma carga de engajamento relacionada à valorização e à identidade cultural, de etnia, de gênero, de origem e até mesmo de classe.

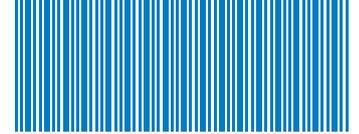
Mas como o processo dessa construção de escrita autoral de jovens estudantes do Ensino Médio pode fazer parte dessa movimentação? Pensar a escrita autoral de jovens estudantes ou estudantes-leitores-autores exige pensar a sala de aula e as práticas de produções textuais como um grande laboratório em que cada estudante possa construir seus textos com base na sua convivência social. Como indica Conceição Evaristo (2016, p. 1), “a escrita pode nascer de uma experiência, de suas vivências”.

Para tanto, é preciso quebrar conceitos preestabelecidos de que jovens estudantes de escolas públicas não sabem escrever. Pois grande parte dos alunos consegue desenvolver textos autorais com uma boa dose de maturidade nas suas escritas. A escola, junto com os professores, deve ser diferencial nesse processo de envolvimento com o texto escrito, trabalhando para ajudar os jovens nas suas produções textuais. O educador tem um papel muito importante nesse momento de construção identitária dos estudantes na fase da escrita.

Segundo Street,

A relação do professor com os alunos tem de ser diferente quando se sabe isso, em vez de se imaginar que eles são espaços vazios que devem ser preenchidos [...], portanto, estamos lá para dizer “deixem-nos ajudar naquilo em que vocês querem ajuda (STREET, 1970, p. 49).

Seguindo por esse recorte, a escrita pode ser pensada como uma forma de busca de identidade. Cada pessoa que escreve coloca seus sentimentos e seus conhecimentos nas suas produções textuais. A identidade dos alunos advém de experiências socioculturais. O seu meio externo pode interferir nas suas escritas; a cultura de cada pessoa desempenha um papel muito importante na marca identitária dos adolescentes. Como Hall (1973, p. 95) nos apresenta, “as tradições culturais nos moldam quando nos alimentam e sustentam”. Nesse sentido, não há como pensar a natureza da escrita apenas pela construção do gênero textual por si só, apenas por seu efeito: seus aspectos textuais e linguísticos, ou seja, produção textual de estudantes do Ensino Médio apenas para cumprir uma atividade proposta pelo professor ou pela professora para atender às demandas burocráticas de avaliações e atividades curriculares no interior das salas de aulas.



Faz-se necessário lembrar que o letramento vai além de codificar palavras, enunciados e texto. Letramento está interligado às práticas sociais dos indivíduos. Dessa maneira, faz parte da escrita e leitura. É muito mais do que decodificar determinado texto, e sim entender a diversidade de signos e seus sentidos e os significados. Com isso fazer uso nos diversos contextos sociais. Por assim dizer, a noção de sujeito letrado cai por terra, já que o letramento como prática social é um processo. Como o sujeito também está em processo de construção de sua identidade, logo não há um sujeito completamente letrado, mas em processo de letramento. Pensar por esse viés abre possibilidades de que o estudante consiga desenvolver sua leitura e escrita nos mais diversos contextos sociais, usando da sua experiência na sociedade.

Tudo isso está em consonância com Street (1970, p. 42) quando postula que “as práticas de letramento não podem ficar relacionadas no indivíduo letrado e não letrado, alfabetizado e não alfabetizado”, ou seja, cada pessoa tem suas práticas de letramento adquiridas no seu meio social. Não podemos dirigir-nos a uma pessoa e dizer que ela não é uma pessoa letrada só porque não frequentou escola ou, até mesmo, impor nossos conhecimentos a ela, sem que tenhamos pelo menos uma interação para saber sobre suas vivências na sociedade e como isso pode ajudar na sua aprendizagem.

Cada pessoa tem sua forma de ver e entender o mundo. Ao descobrir outros lugares e novas culturas, não há como impor a mesma concepção a quem faz parte daquela nova cultura. É na diferença que deverá haver a compreensão e o reconhecimento do distinto. E, dessa maneira, é necessário ensinar aos alunos que não há como estabelecer que eles tenham a mesma concepção de mundo dos professores. Os alunos podem ser originários de uma cultura e uma sociedade bem diferentes das dos seus professores, por exemplo. Partindo desse pensamento, surge a probabilidade de interações entre os diversos atores dentro do processo de aprendizagem. Até porque é pertinente pensar em situações em que se possa conseguir o desenvolvimento de uma escrita com base na sua experiência.

Uma sociedade ou um grupo apresenta letramentos completamente diferentes, de acordo com sua cultura e costumes. O letramento pode acontecer quando estamos fazendo uma leitura de carta, cartaz, televisão, poemas, bula, contos e outros formatos



de texto. As práticas de letramento vão fazer com que os alunos consigam interpretar e escrever o que compreenderam.

Nessa perspectiva, Street (1970, p. 36) nos apresenta duas concepções de letramento importantes para os estudos: o letramento autônomo e o letramento ideológico. São dois modelos que entram em oposição e mantêm ideias diferentes. O letramento autônomo é um processo que desconsidera o contexto social, seu foco principal é o indivíduo. É incluído o processo de leitura e escrita que aparecem nas formas consciente e inconsciente na construção do sentido do texto. Pelo seu efeito, o texto contribui para desenvolvimento das capacidades cognitivas. Segundo Street, a concepção de letramento autônomo seria esta: “(...) presume-se, nesse modelo, que letramento é uma coisa autônoma, separada e cultural; uma coisa que teria efeitos, independentemente do contexto” (STREET, 1970, p. 36).

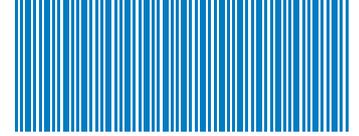
Quanto ao letramento ideológico, nesse modelo as práticas sociais devem ser diretamente relacionadas com a leitura e a escrita. Esse modelo defende a ideia da interação do indivíduo com a sociedade e assim contribui para sua aprendizagem. Essa prática, diferentemente de ensinar apenas a alfabetização e as práticas da leitura, vai possibilitar a compreensão do ensino por meio das práticas sociais. No letramento ideológico, as práticas determinam como as ferramentas são utilizadas, e não o contrário.

Por essa concepção de letramento ideológico Street defende que:

as pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não na outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimentos em relações sociais podem ser diferentes. Por isso, selecionar só uma variedade de letramento pode não ter os efeitos que se esperam. Refiro-me a esse modelo como ideológico (STREET, 1970, p. 37).

A escrita pode ser uma libertação ou, até mesmo, um desabafo. Outras vezes, serve para dar uma informação, orientação. Em todo caso, sempre haverá a interação. Quando o sujeito “escrevente” se dispõe a desenvolver suas ideias na escrita, ele despeja toda uma carga de conhecimento os mais variáveis; inclusive há uma abertura para novos conhecimentos a serem construídos, ampliando o processo de letramento.

Por outro lado, é evidente que ao escrever o sujeito também precisa ter certa dose de entendimento sobre determinado assunto. Pois quando se decide escrever sobre os mais variados temas de sua cultura, o sujeito que está nessa condição escreve



em função de um processo de convivência e conhecimento, e tem competência para falar do assunto. Segundo Ezequiel Theodoro (1992, p. 53) “poder-se-ia dizer que a maior parte da cultura de um povo encontra-se materializada em um discurso verbal escrito”. Ou seja, a cultura de um povo está inserida na maioria das produções textuais. Cada pessoa que escreve deixa um pouco de sua cultura nos textos.

Todo esse percurso e concepções contribuem para um alinhamento das reflexões elaboradas neste estudo. Até porque buscando compreender as práticas de letramento e seus processos envolvendo as marcas identitárias nas produções de jovens estudantes do Ensino Médio da escola pública estadual se levam em conta os pressupostos de letramento identitário e “escrevivência”. Logo, vale pensar concepções que antecipem as discussões sobre os sujeitos em processo de construção das marcas identitárias e que rompam com os processos de exclusão, especialmente para os que vivem às margens da sociedade.

Logo, as concepções de sujeitos indicadas por Hall nos levam a pensar também nas concepções de letramento postuladas por Street, especialmente a noção de sujeito pós-moderno e o letramento como prática social. Uma concepção de letramento que ultrapassa os muros das escolas e adentra nos diversos contextos nos quais os sujeitos circulam, vivem, convivem e reconhecem suas vivências para as produções das “escrevivências”.

2. As “escrevivências” no contexto de escola pública

Sabe-se que o contexto escolar é marcado pela diversidade. Há diversidade trazida pelos sujeitos que nele se inserem, há diversidade que estão às margens da sociedade, há ainda uma diversidade de fatores que precisam ser olhados pelos que geram políticas públicas, especialmente nos ambientes de escolas públicas.

Tal diversidade presente na cultura escolar pode ser encontrada em diversas formas. A escrita é um desses terrenos férteis para as descobertas dessas marcas deixadas pelos estudantes durante as aulas, ou até mesmo após, ou antes. Todavia, é nas aulas de língua portuguesa e/ou redação que essas marcas presentes nas escritas podem ser legitimadas. Marcas de experiências de vidas, de realidades que estão às margens, marcas de vivências.



Para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em conta o aluno em sua totalidade, retomando a questão do aluno com um sujeito sociocultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem (DAYRELL, 1999, p. 18).

O professor lida constantemente com a construção do conhecimento e, como tal, desenvolve a criatividade dos alunos, além de ser uma potência para que os estudantes se percebam em seus dons. Com efeito, o lugar de criação docente tem possibilidades de garantir o espaço de criação estudantil também. Muitos estudantes ainda têm uma dificuldade de mostrar suas capacidades diante da escrita, uns por medo e outros por falta de incentivo. É nesse momento que os educadores se apresentam, fazendo com que seus alunos potencializem a produção textual. Os professores, junto com os alunos, podem promover uma interação, troca de informações com isso, um processo de aprendizagem significativa e dignificante para atuarem nas realidades em que vivem. Como sustenta Geraldi:

O professor do futuro, a nova identidade a ser construída, não é a do sujeito que tem as respostas que a herança cultural já deu para certos problemas, mas a do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem um vivido... (GERALDI, 2015, p. 95).

Os professores e os alunos levam para as salas de aula culturas diferentes, que foram adquiridas no seu meio social, cada um com seu jeito de pensar e enxergar o mundo. Na citação acima, Geraldi revela essa questão das vivências dos educadores e dos estudantes e como eles conseguem manter uma interação, fazendo da troca de conhecimentos uma nova forma para a aprendizagem e aprimorando o convívio na escola.

Como ainda existe um elevado preconceito com alunos da rede de ensino público, muitas pessoas não acreditam que possam emergir grandes escritores das escolas públicas. Sempre ouvimos que os alunos do ensino público não sabem escrever. Mas faz-se necessária uma desconstrução dessa visão equivocada e excludente em relação aos alunos da escola pública. Para tanto, é importante que, para além de um novo olhar para esses estudantes, importa realizar um investimento em políticas públicas. Além dos educadores e educadoras, é preciso que a sociedade tire as vendas e possa observar com um cuidado mais aprofundado.

É perceptível que os professores fazem atividades que possibilitam desenvolver habilidades de escrita dos alunos, bem



como o pensamento crítico e as marcas identitárias. Ezequiel Theodoro (1992, p. 54) explica que “a alfabetização é uma condição necessária, mas não suficiente para a formação do leitor crítico”. Ou seja, é preciso ir além do alfabetizar; é necessário apresentar para os estudantes novas formas de ensino, principalmente a escrita identitária, matérias de leitura e escrita que possam ajudar na formação do seu pensamento crítico.

A “escrevivência” pode fazer parte de um novo processo educacional, sendo incluída nas experiências dos alunos em um contexto sociocultural. A produção literária de Conceição Evaristo, por exemplo, pode trazer um impacto muito favorável na construção da identidade do aluno da escola pública, principalmente alunos negros.

Vale destacar que o termo “escrevivência” foi usado por Evaristo, quando ela decidiu escrever sobre suas experiências de vidas, relato de sua infância sofrida, poesia e prosa criada a partir de conversas de ônibus, de experiências enquanto mulher negra. Essas questões servem de inspiração para as suas produções.

Tudo que escrevo, tanto do ponto de vista literário, quanto meus ensaios e pesquisas, são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. Então eu procuro trazer no meu texto personagens, homens, mulheres, crianças, ambientes, posturas de vida, acontecimentos praticamente relacionados com a minha experiência enquanto mulher negra, nesse ambiente de corpos africanos escravizados no Brasil (EVARISTO, 2016, p. 2).

A “escrevivência” tem um fato histórico, que é a escravidão. Esse termo traz a questão voltada para a escrita da mulher negra. Conceição Evaristo traz essa questão a partir da oralidade da mulher negra no tempo da escravidão no Brasil. Mulheres escravizadas eram obrigadas a contar histórias para os senhores da casa-grande que transformaram em escrita como sendo de autoria deles. “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.” (EVARISTO 1990, p. 1).

São exemplos como esses que, ao serem transportados para a cultura escolar nas escolas públicas, têm grande chance de potencializar o desenvolvimento sociocultural da escrita de jovens na busca da própria identidade ou uma forma de resistência, até porque muitos estudantes encontram na escrita uma forma de fugir da sua realidade e das dificuldades que a vida lhes impõe.



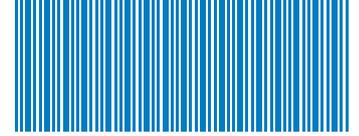
Por meio dessas práticas engajadoras, as realidades, nos mais diversos contextos, especificamente periféricos, podem se constituir em um despejo de mazelas que esses sujeitos vivenciam cotidianamente. Colocar para “fora” tudo que estão sentindo, os desejos, a liberdade, o grito de paz ou de guerra; é um momento de construção do próprio eu. Seria a subalternização de uma guerra armada na construção de um lugar de escrita identitária e de outras possibilidades de signos, de significantes e significados.

Pressupostos como o da “escrevivência” funcionam como maquinaria para pensar outras práticas para além do uso pontual da leitura e da escrita. São dispositivos a favor da produção juvenil com características marcadas para o novo, para a reflexão das marcas de identidades, sobretudo a dos estudantes. Logo, este estudo trata de analisar a escrita dos jovens a partir da sua convivência social e, assim, evidencia as suas marcas identitárias presentes em cada texto. Com base nos textos que iremos trazer, mostraremos que os estudantes das escolas públicas sabem escrever e desenvolver uma boa produção textual.

3. Uma paisagem do objeto de estudo: um recorte das escritas presentes no livro *Conversa Afuada*

Infelizmente, a ideia de que nada de valioso possa vir de uma Escola Pública ainda é muito presente nos atuais dias, de que nós, alunos, não somos capazes de produzir textos decentes! Mas, anima-me saber que isso não passa de ignorância, uma vez que a nossa capacidade está muito além dessas mazelas que tenta nos aprisionar (SILVA, 2019, p. 24).

Uma grande inquietação acerca do ensino-aprendizagem diz respeito às práticas de letramento, especialmente na formação de leitor e escritor no Brasil. E quando o professor, de modo específico o de escola pública, pensa em transformar as aulas de produção textual ou, até mesmo, de língua portuguesa em um grande laboratório para a invenção e apropriação de práticas de letramento, investindo em seus estudantes práxis para o desenvolver da escrita e leitura para uma produção que desconstrua a leitura e escrita improdutiva, isso leva ao lugar de mudança. Mudança que deve ser presente e necessária nas escolas de educação básica. Sob essa perspectiva, há uma necessidade de trazer essa paisagem do objeto de estudo, por compreender a importância do recorte dado para essa problematização.



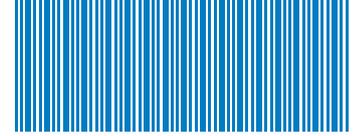
Dito isso, a pesquisa realiza uma abordagem qualitativa, pois faz um estudo mais amplo sobre o objeto investigado, que, neste artigo, tem um recorte para as escritas dos jovens estudantes e, assim, considerando sua experiência de vida na sociedade e suas respectivas características e marcas identitárias. Tal abordagem culmina com investigação bibliográfica, que é o tipo de investigação proposta neste trabalho. Assim, a pesquisa bibliográfica se baseia em fontes secundárias, ou seja, estudos já publicados sobre um determinado assunto, que, no caso desta investigação, o referente é o livro *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil*, que traz a escrita de jovens estudantes. E, desse modo, explica que a análise ocorrerá por meio de interpretação de algumas dessas produções em que as marcas identitárias serão o cerne da investigação.

O livro *Conversa Afiada* surge de um projeto criado em sala de aula, um diálogo evidenciando o lugar de criação docente como pressuposto para marcar o lugar de criação estudantil, especialmente, com estudantes de Ensino Médio da escola pública. É um livro de fácil entendimento e uma leitura leve que traz uma conversa com uma professora e a aluna Camila Batista, na qual elas apresentam a escrita de vários estudantes da escola pública.

Assim, a bibliografia em questão é estruturada por cartas intituladas de primeira *Conversa Afiada*, segunda *Conversa Afiada*, até a carta de número dez, em que a professora dialoga com sua interlocutora, a estudante Camila Batista. Essa estudante-autora tem um quantitativo majoritário nas produções apresentadas no livro. As cartas têm também a função de suporte para receber os textos dos demais estudantes.

É importante destacar que o livro tem a participação de vinte e cinco estudantes de uma escola pública estadual da Bahia. Das dez cartas, cinco são de Camila Batista e cinco da docente. Nas primeiras duas cartas são apresentados os alunos como suas respectivas características. A partir da terceira carta surgem os textos dos demais estudantes, em torno de um a nove textos, de formatos variados que incluem sonetos, poemas, artigos de opinião, cartas literárias, entre outros.

O livro tem a participação de dezesseis escritoras e nove escritores. As temáticas dos textos abordam questões étnicas, de gênero, questões relativas ao sertão, aos jovens, à natureza e ao suicídio. A terceira carta é composta por nove textos, cinco são sonetos, três são poemas e um é artigo de opinião. Na quarta carta,



temos duas produções de sonetos. A quinta carta é composta por um poema e um texto de opinião. A sexta carta só apresenta um texto, que é uma carta literária. Na carta sete, encontram-se dois textos, um texto de opinião e uma carta literária. Na oitava carta são apresentados quatro textos, duas poesias, uma prosa e um artigo de opinião, e na nona carta são três textos de artigos de opinião. A décima e última carta tem um poema canção, uma poesia e três artigos. Nas últimas cartas encontram-se também as considerações dos participantes.

Na maioria dessas produções os alunos colocam suas marcas de conhecimentos e experiências. Os textos foram escolhidos pelas temáticas que retratam as lutas contra o racismo, a liberdade, a luta das mulheres e a resistência. Outro ponto que nos levou a escolher esses textos foram a escrita das jovens escritoras, vozes femininas que não querem mais permanecer caladas. Elas utilizam-se dos textos para mostrar suas marcas identitárias, seus gritos de paz e de guerra, a luta dessas mulheres perante uma sociedade patriarcal. Mostraremos talentos que, por muito tempo, ficaram escondidos.

Em uma conversa bastante descontraída, o leitor passa a conhecer um pouco de cada estudante-autor, as suas identidades. Cada um com sua forma de interpretar o mundo e suas experiências de vida que visibilizam suas marcas identitárias nas produções por eles e elas escritas. O livro traz temas muito pertinentes aos dias atuais. Para este recorte da pesquisa houve uma necessidade de utilizar um processo de escolha e de como isso ocorreu, gradativamente, pela temática, e também por algumas das várias produções presentes na obra a ser analisada.

O processo de inclusão dos dados para este estudo considerou as temáticas com as marcas de identidades sobre etnia e gênero. Essas temáticas estão presentes nas produções de: “O soneto da identidade”, de Camila Batista e Ellen da Silva, na página 31; o soneto “Surras de palavras”, de Witória Santos, na página 43; além da poesia popular intitulada “Natureza Feminina”, de Camila Batista, na página 50, e um texto de opinião, “Em pleno século XXI o feminicídio ainda está presente”, de Rute Fonseca, na página 53. Os textos escolhidos trazem a representatividade dos negros e da mulher na sociedade.



4. Conversa afiada e as marcas identitárias

Seguir por essas escolhas é pensar nas vivências presentes no processo de criação de meninas-estudantes e leitoras-autoras, que se dá num compartilhar de fala, por sua vez, de construção de desconstrução. Esse desmonte presente nas escritas juvenis pode intervir no desmonte, a exemplo de violências simbólicas sofridas por várias gerações. Assim, as “escrevivências” dessas jovens servem de dispositivos para toda uma geração se perceber e perceber a sociedade em que vive.

Seguindo por esse recorte, a análise de dados iniciará pelo “Soneto da identidade” das escritoras Camila Batista e Ellen da Silva, no qual elas retratam o preconceito diante dos cabelos cacheados e crespos:

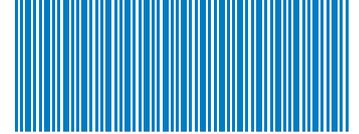
Um dia prendi meu cabelo
 E jurei que nunca o iria soltar
 pois, eu não sabia como me amar
 Me forcei então a escondê-lo.

(SILVA; SILVA, 2019, p. 31)

Não é de hoje que as pessoas com os cabelos cacheados e crespos sofrem preconceitos. Isso vem já dos tempos da escravidão. Vivemos em uma sociedade em que aprendemos que cabelo bonito, no padrão de beleza, é o cabelo liso. Querendo ou não, isso influencia a aceitação de muitas mulheres que, depois, entram em um processo de alisar seus cabelos, assim deixando suas identidades e suas origens de lado. Mas, apesar de todo o preconceito enfrentado, muitas estão começando a aceitar seus cabelos, mostrando o poder desses cabelos.

Mas quando o soltei já não era meu
 A sociedade mentiu em meu rosto
 E eu ainda acreditei em seu gosto
 fizeram com que odiasse todo eu
 Um dia parei no espelho, vi
 Soltei o que sempre quis soltar
 Finalmente, passei a intervir
 Mandaram-me, de novo alisar
 tenho meu direito de ir e vir
 cabelo meu lindo, o irei mostrar

(SILVA E SILVA, 2019, p. 31)



No soneto apresentado, podemos perceber a representatividade da mulher e o poder do cabelo cacheado/crespo na sociedade. O texto retrata bem a questão da aceitação, do empoderamento, a autoestima, a potência desse cabelo, deixando de lado o modelo “padrão” que a sociedade impõe e começando a aceitar sua própria identidade ou o seu próprio “eu”. Essa aceitação está interligada com a construção cultural, busca contato com suas raízes e sua história, retomando o pensamento de Hall (1973), quando fala que as tradições culturais têm o poder de moldar e sustentar uma pessoa; ou seja, a cultura tem o poder de fazer o ser humano se reconectar com seu “eu” e, assim, aceitar suas origens, seu corpo e seu cabelo.

O outro texto que iremos mencionar é da aluna-escritora Witória Santos cujo título, “Surras de palavras”, já dá um indício sobre a questão do preconceito que os negros sofrem na sociedade, o poder das mulheres de não permanecerem caladas diante das discriminações.

Preconceito afasta a nossa cor
Somos todos negros, sim! E daí?
vejo seu preconceito caí

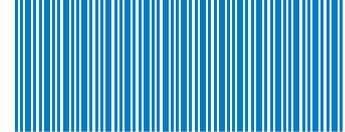
Seu Conceito não muda nossa dor.
Nosso sangue negro derramado
tínhamos que Apanhar, levar Chicotadas
Muitas vozes negras caladas
Nosso vão destino definhando

(SANTOS, 2019, p. 43)

Vivemos em uma sociedade na qual o preconceito ainda é bem presente, embora às vezes camuflado. O soneto acima demonstra o cenário do escravismo quando os escravos eram torturados e mortos pelos senhores donos das fazendas naquela época, e que eles não tinham o direito de se manifestar. A autora, em sua produção, traz as lutas dos povos negros, aquilo pelo que os nossos ancestrais passaram e o que muitos de nós ainda passamos nos dias de hoje, as lutas diárias para derrubar o preconceito que ainda existe contra o povo negro.

Surra de palavras preconceituosas
negrinha, penteia esse cabelo duro
Mulheres negras, somos poderosas

Não podemos deixar de gritar
E nem ficar atrás do muro



Por isso temos sempre que lutar

(SANTOS, 2019, p. 43)

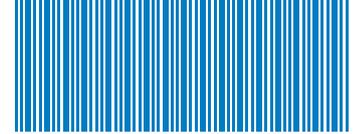
Na outra parte do soneto, a autora mostra o poder das mulheres negras, a luta para não deixar suas vozes serem caladas, e nem deixar suas identidades de lado. A necessidade das mulheres negras se mantém em seu estado de poder e decisão das suas próprias vidas, das suas escolhas e de não abaixar a cabeça para a adversidade. A sociedade dos tempos atuais ainda mantém o preconceito com a maioria das mulheres negras. Existe também a desigualdade, tanto na questão profissional como na educacional. A maioria delas convive em um mundo com uma realidade desumana. Witória Santos, nessa produção, sugere o encorajamento para as mulheres negras, trazendo, assim, sua identidade, sua experiência para a sua escrita, procurando na escritura uma forma de não se manter calada e ajudando nas lutas das mulheres negras.

Nas duas produções textuais mencionadas acima, observamos as experiências de vida que as escritoras adquiriram em seu meio social incluídas em seus sonetos. Nas obras, cada autora traz seu ponto de vista, a sua aprendizagem, as lutas sociais para defenderem aquilo em que acreditam. Cada uma revela sua identidade e vivência. É nesse momento que entra o modelo ideológico de Street (1995), quando o autor defende que a aprendizagem acontece por meio da convivência social, e daí a importância da interação das pessoas com a sociedade em que essas estudantes-autoras convivem.

Trouxeram, então, etnógrafos para dizer que talvez o que poderiam fazer seria, com base naquele programa e com perspectiva etnográfica, construir uma atitude em que as pessoas respeitassem o saber do outro, o lugar do Outro... de construir com base no que os alunos já sabem (STREET, 1970, p.47).

Os dois últimos textos estão relacionados às práticas sociais e, principalmente, às experiências das autoras e suas vivências. A ideia de Street (1995, p. 37) ainda vai continuar bem presente nesse poema e na prosa opinativa. Mostraremos o poema “Natureza feminina”, de Camila Batista, e a prosa “Em pleno Século XXI, o feminicídio ainda está presente”, de Rute Fonseca.

Mulher é um bicho estranho
sofre demasiadamente no cotidiano
Não se deixa abalar por coisa pouca



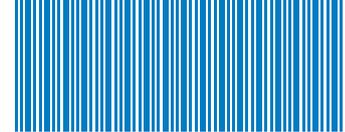
E sempre na bagunça tem um plano
Há quem lhe compare com uma louca
E quem lhe diminua sem pestanejar
Eita, que é grande a dor da mulher
desde pequena, ensinada a obedecer
E na juventude disposta a se rebelar
tem nem medo de logo vir a falecer
porque a liberdade irá conquistar!
E nem em pensamento vai se render...
A natureza é nossa amiga!
Ela nos permite vidas!
E mesmo assim a maltratamos
Mas, no final por elas somos acolhidas
Assim, como a mãe que tanto julgamos
E hoje a ela somos apenas agradecidas...

(SILVA, 2019, p. 50)

O poema refere-se às batalhas que as mulheres têm enfrentado em uma sociedade ainda tão patriarcal. Apesar das muitas conquistas que elas já conseguiram, ainda falta muita coisa, principalmente o direito de voz, de liberdade de ser o que quiser, autonomia do corpo, a liberdade de ir e vir sem sofrer nenhum tipo de discriminação ou violência. Em algumas tradições, sempre foi ensinado que mulher não poderia fazer muito sem ser com a liderança do homem. Sempre tinha que zelar pela boa reputação, tendo que enfrentar esses e outros problemas que têm travado numa “guerra” constante para que fossem deixadas de lado e para que consigam a liberdade.

Essa opressão, velada ou não, também existe no meio das produções textuais, ou seja, no mundo da escrita. Sobretudo na literatura, ainda há muitos julgamentos sobre a escrita das mulheres nos textos literários. Apesar de terem passado muitos anos mostrando sua capacidade, o mundo das artes tenta manter escondidas essas produções das mulheres.

A crítica literária feminista passa a agir no sentido de possibilitar a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não fora capaz de evidenciar, descortinando a história tradicional e sexista da representação das mulheres no terreno literário de autoria masculina e assim permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção dos textos, quanto na representação literária, o que contribuiu para que essas vozes fossem imersas no campo literário – portanto, que fossem legitimadas (ROSSINI, 2016, p. 5).



Com tantos problemas pelos quais o gênero feminino passa, algumas escritoras tentam trazer para os textos suas experiências enquanto mulheres que batalham por um mundo melhor para todos e todas. A professora e escritora Conceição Evaristo traz para suas obras relatos de sofrimento, de lutas que as mulheres têm enfrentado, principalmente, as mulheres negras. Uma das suas produções que iremos destacar aqui é a de “Vozes-Mulheres”.

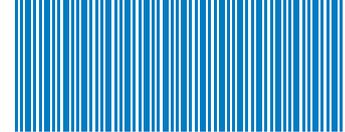
A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

(EVARISTO, 1990, p. 32)

O poema é um dos melhores da autora. Ele retrata as vozes das mulheres negras, vozes caladas por muito tempo, narra a trajetória dessas mulheres que sofreram muito. A voz que narra é de uma pessoa que tem um olhar de dentro, conta a experiência de seus ancestrais. Fala de um passado que não pode ser esquecido, retrata um tempo passado, mas que, infelizmente, algumas coisas ainda se encontram presentes nos dias atuais, principalmente quando querem calar as vozes de mulheres negras. Quando uma mulher escreve sobre seu lugar de convívio, mostra a subjetividade e o domínio sobre determinado assunto.

“Vozes-mulheres”, de Evaristo, estabelece uma relação com o poema de Camila Batista. Pois, tanto no texto de Camila quanto no de Conceição, as narradoras relatam os problemas que muitas mulheres têm vivenciado, mulheres do passado e as do presente.

Eis que vão me apontar o dedo
E exigirão que eu volte para o meu lugar
Mas, não sabem esses grandes tolos



que o meu lugar é onde eu quiser estar
Saibam que não preciso de consolos
Sei que não nasci para acenar e aceitar.
sofro quando penso no passado
Na dor que fomos capazes de causar
E tudo pelo mesmo motivo:
A ignorância que insiste em continuar
Mas, mantenho esse dolor vivo
Pois me lembra das vidas que ainda podemos
salvar...

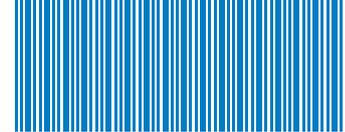
(SILVA, 2019, p. 51)

O texto apresenta uma escrita que, de certa forma, tem o poder de ajudar nas lutas diárias que o gênero feminino tem enfrentado. A autora traz um conhecimento adquirido em um contexto social. Como mulher, sentiu as dores de outras mulheres. Ela vem como uma forma de desabafo, uma pessoa inconformada com o que vem acontecendo. E, assim, trazendo uma escrita com traços autorais de engajamento, que comprova que tanto essa quanto as demais estudantes-autoras fazem uso de suas “escrevivências”.

O último texto a ser discutido é a prosa opinativa de Rute Fonseca, “Em pleno século XXI, o feminicídio ainda está presente”. A autora destaca um dos mais graves problemas que nós mulheres enfrentamos na atualidade: o feminicídio, reflexo do machismo e da agressão que os homens causam em suas mulheres. O texto retrata o que as mulheres têm passado na cidade de Juazeiro-BA.

No Brasil, a situação de vulnerabilidade em que se encontra o sexo feminino em relação às agressões físicas e morais sofridas por parte de sua família e em especial maridos ou companheiros, é uma situação grave de suma importância e relevância no meio de uma sociedade assim assinalando uma sociedade alicerçada no machismo colocando a figura do sexo masculino como centro de todas as coisas (BITTENCOURTH, 2018, p. 8).

A jovem estudante-escritora trata de um assunto tão presente na sociedade brasileira, e que assusta toda mulher.



A cada ano aumenta o número de mulheres assassinadas por homens em todo o mundo. Neste artigo de opinião, a autora prosea com muita propriedade com destaque para o seu lugar de convívio.

Por várias vezes, vimos e ouvimos articular sobre o feminicídio, como ele está presente no nosso cotidiano. Mas, o que fazemos para impedir essa situação difícil? Como argumentamos as indagações sobre a violência de gênero? Será que educamos nossos filhos de forma correta? Juazeiro, uma cidadezinha nem tão pequena e muito menos perdida no norte da nossa humilde Bahia...

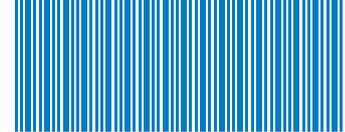
Em meu arbítrio, acredito que é preciso que se desconstrua esse machismo. É realmente de suma importância o debate do mesmo em todos os lugares. Levando em conta que todos podem, devem e possuem a capacidade de ocupar o que desejarem. E que as mulheres e meninas sejam fortalecidas, pois a dominação causa desastre (FONSECA, 2019, pp. 53-54).

A escritora faz da escrita um momento de reflexão, procurando levar para os leitores o poder de não permanecer calados sobre o assunto do machismo e feminicídio, principalmente, as mulheres. Segundo dados do IBGE (2019), o Brasil é o quinto país em que mais se mata o gênero feminino. A maioria desses assassinatos são cometidos pelos seus próprios companheiros. Muitas mulheres têm medo de entrar em um relacionamento justamente por conta desse problema. Rute, na sua produção, mostra a realidade da sua cidade e, assim, tenta combater esses crimes, começando pela escrita.

Terra de muitos destaques artísticos, mas também de muitas evidências do empoderamento machista. Sendo evidenciadas até mesmo nas próprias brincadeiras. Podemos perceber que aqui também, há muitos indícios de agressões e por possuírem medo de denunciaram... (FONSECA, 2019, pp. 53- 54)

As estudantes-escritoras trouxeram seus pontos de vista com traços e marcas identitárias para cada texto. Tratam de temas que têm gerado discussões há muito tempo, temas que são feridas ainda abertas para as mulheres, especialmente para as mulheres negras. A escrita dessas jovens-autoras foi desenvolvida a partir da suas experiências enquanto mulheres e mulheres negras. E mostrando sempre um engajamento ativista, considerando suas marcas de conhecimentos, a partir da prosa e do verso.

Nesse sentido, a escrita pode ser utilizada como fonte de transformação e revolução. Quem escreve expressa todos os sentimentos, pensamentos, reescrevendo sua história e



experiência. A escrita dos jovens pode ser um ato revolucionário; cada estudante que escreve desenvolve seu lado crítico e sua capacidade de pensar e, assim, compartilha com os seus leitores fragmentos e experiências. Escrever vai além de aprender as regras de gramática, e pode ajudar a construir um mundo melhor.

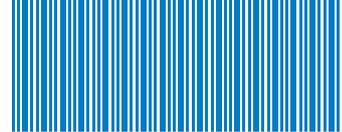
A escrevivência poder ser tanto pela a escrita alfabética, como também pode ser pensada como uma escrita que pode se dar pelo corpo, pelo gesto, voz, pela a expressão, A escrevivência pode ser como uma escrita que nasce de uma experiência e vivência (EVARISTO, 2016. p 1).

Logo, a construção da escrita dos jovens estudantes é um desafio constante que muitos professores têm enfrentado nas salas de aulas para conseguir colocar os alunos para desenvolverem seus próprios textos. Por mais que seja um processo que leve muito tempo, é importante que os educadores o coloquem em prática, pois muitos estudantes têm muito para oferecer em suas escritas. As “escrevivências”, em um contexto escolar, podem ajudar na escrita desses jovens, sobretudo alunos que tenham dificuldades em desenvolver alguma produção textual.

Considerações finais

Em virtude dos aspectos analisados, sabemos que a escrita dos jovens do Ensino Médio público ainda sofre duras críticas da sociedade. Vivemos em um país que sempre teima em negar o que vem das classes menos privilegiadas. Em se tratando de educação, a situação ainda é mais preocupante. Talvez seja por esse motivo que a maioria das pessoas tem pensamentos preestabelecidos de que o ensino público não tem condições de produzir grandes autores.

O objetivo deste estudo foi apresentar a escrita por meio das práticas de letramento como marcas identitárias de jovens oriundos do Ensino Médio, considerando os pressupostos do letramento e “escrevivência”. E, assim, utilizamos o livro *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil*, para mostrar a escrita desses jovens escritores. Podemos perceber como o meio social pode influenciar no desenvolvimento das produções textuais dos estudantes. Muitos alunos precisam de encorajamento e incentivo para começarem a escrever, mas, para isso, é necessário que os educadores tenham em mente que, para conseguirem desenvolver essa prática, é preciso entender que estes discentes, em muitas situações, vêm de uma cultura bem diferente e que cada um



carrega suas marcas de conhecimentos. Partindo desse ponto é que os estudantes irão conseguir produzir seus textos.

Este estudo mostra como a experiência no meio social e a cultura de um povo podem ajudar nas produções textuais dos estudantes de Ensino Médio da rede pública. Logo, este estudo com a escrita de estudantes-autoras indica a necessidade de potencializar a força presente nas produções dessas jovens. Muito se fala na escrita de mulheres mas poucas vezes esses textos são reconhecidos, especificamente de uma escrita juvenil de escola pública de periferia. A partir deste trabalho, pode-se perceber a capacidade dessas jovens escritoras em refletir sua realidade e suas experiências de vidas, mesmo com tão pouca idade.

Conclui-se que os objetivos deste estudo foram contemplados, uma vez que com o intuito de verificar o processo de construção de escrita dos estudantes da escola do Ensino Médio, tendo como base principal a escrita que nasce no cotidiano, abordamos pensamentos de autores que colaboraram para que esta pesquisa fosse concluída. Com isso, os resultados aqui discutidos são relevantes, pois podem colaborar para futuros estudos sobre a “escrivência” e as práticas de letramento em um contexto escolar, marcas identitárias dos alunos e a escrita das mulheres.

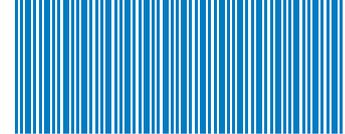
REFERÊNCIAS

BITTENCOURTH, L.O de; SILVA, L.Z; ABREU, I.S de. *Feminicídio no Brasil: a cultura de matar mulheres*. 1. ed. Espírito Santo: Faculdade Multivix, 2018. 8 p.

CUNHA, Carolina. *Feminicídio - Brasil é o 5º país em morte violentas de mulheres no mundo*. v.1. n.1 2019. Disponível em: <<https://uol.com.br/vestibular>>. Acesso:10/09/2020.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. 1. ed. UFRJ. Minas Gerais: Faculdade de educação, 2003. v.1. 40 p.

EVARISTO, Conceição. *Não leiam só minha biografia*. Leiam meus textos. v.1. n.1. 2018. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br>> Acesso: 15/09/2020.



EVARISTO, Conceição. *Escrevivência - ecos da palavra*. [Entrevista cedida a] Instituto de Arte Tear. Um vídeo (3 min). Disponível em <<https://youtu.be/4EwKXpTIBhE>>. Acesso: 20/09/2020.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência - ecos da palavra*. [Entrevista cedida a] Instituto de Arte Tear. 2 vídeo (5 min). Disponível em <<https://youtu.be/dio1yFp2Tvg>>. Acesso: 20/09/2020.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência*. [Entrevista cedida a] Leituras brasileiras. 1 vídeo (23 min.). Disponível em <<https://youtu.be/QXopKuvxevY>>. Acesso: 21/09/2020.

EVARISTO, Conceição. *O ponto de partida da escrita - Ocupação*. [Entrevista cedida a] Itaú Cultural. Um vídeo (7 min.). Disponível em <<https://youtu.be/3CWDQvX7rno>>. Acesso: 21/09/2020.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. 2. ed. São Carlos: Pedro e João, 2015. 95 p.

HALL, Stuart. *DA DIÁSPORA: Identidades e mediações culturais*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2018. 56 p.

MARIANO, N.A.; BATISTA, C.S. da. *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil*. 1. ed. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2019. 15 p.

ROSSINI, Taysa. N. *A construção do feminino na literatura: representando a diferença*. 1. ed. Maringá: UEM, 2016. 6 p.

STREET, Brian. V. *Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas*. Tradução de Tércia Mendes, 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 21 p.

THEODORO, Ezequiel. S. *Os (des) caminhos da escola: traumatismos educacionais*. São Paulo: 4. ed. Cortez editora, 1992. 53 p.

